

Público Caderno P2 26-11-2008	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1440 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4 a 6



Público Caderno P2 26-11-2008	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1440 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4 a 6

V. S. Naipaul

Um escritor tem que sair para ir ver o mundo

A “biografia autorizada” de Naipaul - já descrita como “retrato do artista enquanto monstro” - está a ser elogiada e vendida em Inglaterra e na América, mas o biografado não a aceita. Até agora, diz, nunca o tinha dito, e não quer falar mais sobre o assunto. Encontro em Lisboa com um homem que construiu a sua vida como senhor da palavra, de Trinidad para o mundo. *Por Alexandra Lucas Coelho (texto) e Pedro Cunha (fotos)*

● Esta entrevista começou com um choque. O que aconteceu a seguir foi um improviso de 45 minutos, depois de o P2 afastar a entrevista que pensara fazer. Literalmente afastar, junto com o livro que V. S. Naipaul - Nobel da Literatura em 2001 - nem quis ter no seu campo de visão.

O livro que causou tal choque está a vender-se nas livrarias inglesas e americanas, com destaque e entusiasmo da crítica. O P2 encontrou-o numa das maiores livrarias de Nova Iorque, em grandes pilhas logo na sala de entrada, como se faz aos *best sellers*.

Chama-se *The World As It Is - the authorized biography of V.S. Naipaul*, e foi escrito por Patrick French, um inglês nascido em 1966.

A edição britânica é de Abril, a edição americana acaba de sair, e os adjectivos na sala de entrada são: “brilhante” (*The Guardian*), “extraordinária” (*The New Yorker*), “soberba” (*The New York Review of Books*).

Os autores das críticas não são desconhecedores nem desconhecidos de Naipaul. O longo texto da *New York Review of Books* é assinado por Ian Buruma, o autor que Naipaul quis como seu biógrafo, há anos. Buruma conta justamente que não aceitou a tarefa por lhe parecer difícil escrever um livro “honesto” sobre um escritor vivo, tanto mais sendo esse escritor um homem tão prolífico e controverso como V. S. Naipaul. Mas, escreve Buruma, ao ler esta biografia de Patrick French percebeu que afinal era possível fazer um livro “honesto” - e mais do que isso, “soberbo”.

Ou seja, há uma biografia que está a ser largamente apreciada e vendida enquanto “a biografia autorizada” de V. S. Naipaul, e que o próprio biografado não aceita ao ponto de, antevendo ao fim da tarde, mal o P2 a tirou da mala, exclamar, com um forte trejeito de desgosto: “Não vou dizer nada sobre esse livro.”

Declarou que nem sequer o lera, insistiu que não ia sequer explicar, e finalmente pediu: “Por favor, tire-o daí, não quero olhar para ele.”

Contactado ontem pelo P2 através da sua editora, Patrick French “não deseja comentar”.

Na introdução da biografia - um livro perturbante, em vários sentidos - French diz que Naipaul não só lhe deu acesso incondicional a todo o arquivo dos seus papéis, incluindo os diários da sua primeira mulher, como esteve disponível para extensas entrevistas com o biógrafo e no fim não quis fazer qualquer alteração.

As críticas e artigos que têm saído sublinham sempre este gesto, que só lhe ficaria bem - Naipaul permitir uma biografia que é, escreveu o *New York Times*, “o retrato do artista enquanto monstro”.

Citado por French, o que Naipaul conta nesta biografia é como de certa forma foi responsável na morte da primeira mulher, Patricia, que se anulou por causa dele, e morreu com um cancro. Como desenvolveu uma relação sado-masoquista com a amante Margaret, quando viajou à Argentina em 1972, ao ponto de uma vez lhe bater até a mão doer muito e a cara dela ficar marcada.

E - é o ponto fulcral para a obra - como foi a descoberta do prazer carnal intenso com esta mulher que o impediu de morrer como escritor. Para além dos aspectos conjugais e sexuais, a minuciosa biografia de French descreve ainda um homem obcecado com a ascensão a um ponto sobrehumano: deixar para trás a pobreza da sua Trinidad natal, as humilhações em Inglaterra por ser um emigrante de pele escura descendente de emigrantes indianos nas Caraíbas, e tornar-se O Grande Escritor, aquele para quem tudo serve a escrita - família, mulheres, conhecidos, viagens, o mundo.

Aos 76 anos, autor de 30 livros de ficção e não-ficção traduzidos pelo mundo, Sir Vidiadhar Surajprasad Naipaul - Vidia, para os conhecidos -, veio a Portugal convidado pela Gulbenkian. No sábado estive numa leitura-debate integrada na exposição *Weltliteratur*. O seu último romance, *Sementes Mágicas*, acaba de ser traduzido na Dom Quixote. Neste momento trabalha num livro sobre África.

Em Lisboa, esteve sempre acompanhado pela segunda senhora Naipaul, a paquistanesa Nadira. Ela não só se manteve presente na entrevista como interveio.

Nunca, até agora, insistiram ambos, Naipaul disse uma palavra sobre a biografia. Agora estava a dizer que não a aceita. Nadira Naipaul tentou fazer ver a situação sob este ângulo: “Você tem uma ‘cacha’ mundial.” E assunto encerrado.

Havia duas alternativas. Insistir em falar com um homem

de 76 anos, fisicamente frágil e com dificuldades de audição sobre a sua vida, tal como a conta um livro que ele não aceita.

Ou improvisar. **O que é que alimenta um escritor? Primeiro foi a sua infância em Trinidad, a sua grande família, ir para Inglaterra, o sofrimento em Londres...**

Não muito. **Com os preconceitos raciais? Não escrevi sobre isso. Toda a minha luta era para ser escritor. Foi claro para si desde muito novo que queria ser escritor. Diz que escrevemos a partir da experiência. Quando começou a escrever, o que foi crucial como alimento?**

Eu sabia que era importante ir em frente, não escrever um só livro. Para ser escritor é preciso escrever um e outro e outro livro. Ser escritor é continuar a escrever. Não havia uma coisa em que eu pensasse como alimento, tive que forçar tudo a sair de mim.

Sei que as pessoas agora estão habituadas à ideia de que alguém da Índia escreve um livro sobre a sua família e depois não faz mais nada. Não era assim comigo. Eu sabia que teria que haver outro e outro e outro livro. E ainda penso assim, embora esteja bastante velho. O alimento vem da ideia do que é um escritor. O escritor é alguém que continua.

Definiu-se como um escritor de intuição. Por vezes diz-se que há dois tipos de escritores, os de invenção e os que têm que estar no lugar, ouvir, ver. Há escritores como Pessoa ou Borges, que tiram tudo de dentro deles...

Não sou nada como Borges. Acho que Borges é um escritor muito limitado - estou a pensar na prosa. Muito limitado. E era cego, claro. Eu não sou cego. Faz uma grande diferença, porque o homem cego vive internamente, enquanto eu sempre vivi com o mundo que vejo, que conheço.

Começou do mundo que conhecia, Trinidad. Depois chegou a Inglaterra, e daí começou a viajar. Acredita que de cada vez o escritor tem que se reinventar a si próprio, tem que tentar outra forma. E o mundo tornou-se o seu assunto. Sentiu que tinha que estar em movimento para ser capaz de escrever?

Sim, sim. E isso ainda é verdade. Tenho que estar em movimento. Tenho que sair para ver, encontrar-me com o mundo. Não posso apenas sentar-me e inventar. E acho que é mais importante fazer isso agora do que inventar ficções da nossa cabeça - [George Bernard] Shaw falou disso, julgo que num dos seus prefácios: fazer ficção a partir das nossas entranhas vazias.

Com a forma como o mundo se desenvolveu e mudou, é preciso sair e olhar para ele. A ideia de nos sentarmos e deixar as histórias virem ter connosco não é de grande valor. O mundo já não é de monoculturas, de culturas únicas. Não podemos fingir que estamos a escrever sobre um tipo de cultura. Acho que hoje não funciona. Proust é muito um escritor da França do fim de século XIX, o que não significa nada para mim. Não sei se significa muito para outras pessoas.

Público Caderno P2 26-11-2008	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1440 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4 a 6

E isso que quero dizer com sair e olhar para o mundo. Não podemos ficar sentados em Paris, como Proust.

Mas quando falo em sair para o mundo não é a forma como fazem um escritor de viagens ou alguém no jornalismo. Tenho sempre que dizer a mim próprio: aquilo em que estás empenhado agora tem que ser interessante daqui a 20 ou 40 anos. Não são notícias, é mais do que notícias. Temos que nos imaginar no lugar do leitor em 2040 ou 2050, ver se ele estaria interessado no que estamos a dizer. Esse é o princípio de sair e olhar para o mundo.

E olhamos politicamente, se for interessante, ou culturalmente. Varia, muda sempre.

Uma pessoa pode estar ao seu lado a ver e o que ela contará é completamente diferente. Quem olha, faz isso com toda a sua história e natureza. O que faz diferença, no fim, é a pessoa que está a olhar.

Sim, sim. E não podemos explicar isso. Podemos passar imenso tempo a tentar explicar quem somos, e a

forma como olhamos, mas não se comunica isso.

Um outsider pode ver melhor, mais claramente? Como quando chega à América Latina, a África, à Ásia Central e começa a falar com as pessoas, e passa lá algumas semanas?

Depende da cultura. Se a cultura for muito instintiva, as pessoas que a vivem não se podem julgar, não conseguem sair de si próprias, portanto, provavelmente não conseguem ver muito. Pessoas de uma cultura auto-analítica poderão ser capazes de olhar de fora e ver.

Outra coisa que faz o escritor ser o que é: cada livro que escrevemos muda-nos, não somos o mesmo escritor. Estou a falar de escritores a sério. Sei que há quem pense que os escritores são como autores de histórias de detectives, que são sempre o mesmo, mas certamente no meu tipo de escrita, de ir ver o mundo, não. A experiência de ir ver o mundo, a curiosidade de olhar e escrever muda-nos. Não sei como isso me muda, mas muda-me. Sou bastante diferente agora do homem que era há 10, há 20 anos. E continuo a mudar.

De que forma, em que direcção? Não é uma direcção, é uma mudança geral. [pausa] Não iria à procura do que realmente já sei, essa é uma mudança. Aprendo certas coisas, portanto a minha aproximação ao mundo será

diferente. É um desenvolvimento contínuo da sensibilidade.

Quando foi a última vez que fez uma viagem longa?

Não é a viagem sozinha que nos

muda, é o acto de a escrever, de pensar. Muitas vezes não sabemos o que pensamos sobre certa experiência até escrevermos sobre ela.

Viaja para escrever. Quando escreve é que consegue ver o que viu?

Sim, escrevemos fazendo uso da experiência. De outra forma estamos em férias eternas, onde a vida vai passando e não significa nada, porque não a estamos a usar, não estamos a escrever sobre ela, não estamos a processar a experiência.

Uma frase sua fala de algo central para entender o que está à nossa frente: com curiosidade genuína conseguimos o melhor das pessoas.

Dou-lhe um exemplo. Há pessoas que vêm ter comigo e ouvir-me e não estão realmente interessadas no que sinto. Já têm todo um programa de ideias, e vão marcando os quadradinhos [como numa lista, à medida que se cumpre cada item]. As pessoas só querem ir assinalando os quadradinhos. Não estão realmente curiosas.

A minha curiosidade é mais profunda. Mas não o faço deliberadamente. É assim.

Acha que as pessoas que entrevista se dão de forma diferente se sentirem essa curiosidade?

Da forma como o faço, sim. Acho que isso é parte do talento de sair para o mundo, com interesse e curiosidade genuínos. As pessoas respondem a isso. Por outro lado, se falar com pessoas que dão entrevistas o tempo todo, como políticos, nada do que dizem pode ser de interesse, porque estão a pensar de forma pré-estabelecida. **Nas suas histórias de não-ficção podemos ver e ouvir, e esse é o maior feito.**

É porque não uso máquinas, faço tudo à mão. É o olho, o ouvido e a mão que escreve. Você tem uma máquina aqui, portanto provavelmente vou falar mais rápido e mais tempo. Se estivesse a escrever, provavelmente eu falaria de forma mais concisa. Porque se dá uma espécie de empatia humana.

A forma como lidou com as pessoas mudou muito ao longo do tempo? Por exemplo, entre os seus livros de não-ficção passados em países muçulmanos não-árabes, *Among the Believers* (1979) e *Beyond Belief* (1998)?

É mais fácil olhar para o meu primeiro livro de não-ficção, *The Middle Passage* [de 1962, o livro em que regressa às Caraíbas onde nasceu]. Eu não sabia o que fazer,

estava perfeitamente perdido. E isso continuou a ser assim até 1972,

quando fui à Argentina e escrevi coisas para a *New York Review of Books*. Não sabia como avançar. Não estava suficientemente desenvolvido.

Desenvolvido, como? Não sabia como abordar as pessoas, falar com elas?

Ou mesmo olhar para o país. Por onde começar? Saber: "Isto é interessante, vou seguir isto." Tive que aprender tudo isso.

Chamaria jornalismo a esses livros de não-ficção?

Não.

Chamar-lhes-ia reportagem [segundo o uso anglo-saxónico de *reportage*]?

As pessoas dizem que é. Não penso que seja. Acho que são livros de investigação. Livros filosóficos.

Valoriza-os menos que a ficção? São o mesmo. Não há diferença.

O que o faz com que para certo assunto escreva um romance ou um livro de não-ficção?

Posso sentir que o que fiz nos primeiros livros de ficção não lidava completamente com o que via e sabia. Posso pensar que quero ter outro olhar.

Fiz isto até nos trabalhos da Argentina. Fui ver o poeta Borges, uma entrevista *standard*. Li-a anos mais tarde e fiquei ligeiramente perturbado porque achei que não tinha sido justo com o homem. →



Público Caderno P2 26-11-2008	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1440 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4 a 6

P2 - Quinta-feira 20 NOVEMBRO 2008



Acho que a Arábia Saudita é um país muito perigoso. Apoia estes grupos religiosos fanáticos, apoia todas estas escolas religiosas que ensinam o ódio em lugares como a Índia. É um país mau

Público Caderno P2 26-11-2008	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1440 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4 a 6



→ Mesmo perante aquele mau relato do homem que deu muitas entrevistas - o que encarei como uma falha -, pensei que havia ali algo para o qual devia ter olhado melhor. E quase 20 anos depois tentei fazer algo sobre Borges que fosse melhor, que apanhasse a essência e profundidade do homem, a honra e coisas que eu deixara de fora.

Deixamos coisas de fora, é um retrato incompleto. E temos que tentar fazer mais completo. **Muita gente viu em Beyond Belief uma antecipação do 11 de Setembro. Mais recentemente, quando lhe perguntaram a causa do 11 de Setembro disse que era "ódio religioso". Mantém?**

Sim. É uma boa definição. Há uma palavra que os jornais usam, e traduzem de forma imperfeita, que contém todo o problema. Usam a palavra *jihad* como guerra santa... **E pensa que é guerra religiosa.**

É guerra religiosa. E isso simplifica, e é a essência. Ontem ou anteontem na televisão vi que uma organização qualquer disse que o *yoga* não é islâmico. Estamos na fase de guerra religiosa.

Isso estava lá nos anos 70, quando fez as viagens para "Among the Believers", e depois nos anos 90, quando fez as viagens para "Beyond Belief"?

Sim, sim.

O que pensa que compreendeu ao viajar através desses países muçulmanos?

O primeiro livro é ligeiramente mais externo, pedindo às pessoas para descreverem a sua religião, e a relacionarem com os seus países. No segundo livro o objectivo era ver o efeito nas personalidades. É um livro sobre pessoas cujas vidas foram alteradas pela atitude da guerra religiosa.

É apenas quando encontramos gente tonta de esquerda que pensa que esta guerra tem só a ver com pobreza, o que é absurdo...

É absurdo?

Claro que é! Esta guerra tem tudo a ver com dinheiro! Tire o dinheiro e não há guerra religiosa.

Do lado muçulmano?

Sim, sim.

Diz que é o espectador, o flâneur, que não quer reformar o mundo. Mas as pessoas dos seus livros de não-ficção tornam-se mais próximas porque as traz até nós. Sentiu-se mais afastado ou próximo delas?

Nunca pensei nisso. Não penso dessa forma: se essas pessoas são como eu ou não.

Tento compreendê-las, sim. E essa compreensão talvez esteja no livro, mas não me preocupa se os leitores estão próximos delas ou não. São eles os leitores.

Foi claro para si o fosso com aquelas pessoas?

Foi sempre, foi sempre.

Esta era uma guerra religiosa que tínhamos que travar?

Acho que agora se tornou tão mau como isso. Tanta gente recusou lidar com ela que se tornou uma guerra que tinha que ser travada. Quando a vi, no princípio, não era assim.

Podia-se ter lidado com ela?

Sim. Muito simplesmente dizendo: não vamos vender armas a estes países, a não ser que façam reformas.

Mas agora já não é assim.

Está a falar dos anos 70?

Sim. Estou a falar de gente em Inglaterra, na América, poderosos negócios de armas com estes países. Onde é que isso acaba? Na

necessidade de uma guerra.

E agora onde estamos?

Provavelmente temos que travar a guerra.

O que pensou da eleição de Obama?

Fiquei muito emocionado. Mas não sou uma pessoa política, não sei como ele vai avançar neste trabalho gigantesco. Ser presidente da América é um trabalho demasiado gigante. A América procura fazer demasiadas coisas no mundo. Não imagino nem a gente de Roma, no auge do seu poder, a fazer todas estas coisas que a América tenta.

Acho que a América tem que tentar tornar-se mais pequena, de modo a lidar efectivamente com o mundo. De momento não lida efectivamente porque se tornou demasiado grande. A Rússia lida melhor com o seu mundo ao ter-se tornado mais pequena.

[pausa]

Acho que Obama não fará qualquer diferença, será um presidente americano.

Porque ficou muito emocionado?

Por causa do homem. Não estou interessado nas políticas dele, não sei nada sobre a política.

Quando fala no homem, tem a ver com a questão racial?

[A mulher intervém]

Nadira Naipaul - Tu negaste isso noutra entrevista. Disseste que Obama é um homem no seu próprio direito, nas suas qualidades.

Não carrega o navio dos negros americanos porque não é um negro americano. Vem de um pai negro e uma mãe branca, o que faz dele um mulato sem a amargura americana da escravatura.

V.S.N. - Sim, sim.

Em Trinidad havia uma rivalidade entre os indianos e os negros...

Não na minha infância, depois de eu sair.

... chocou-o quando voltou.

É um lugar muito pequeno. Não se pode extrapolar para algo maior.

Nos anos 50 sofreu com os preconceitos raciais em Inglaterra.

Não sou. Todas as minhas

preocupações tinham a ver com escrever.

E nessa luta para escrever a questão racial não foi um problema?

Não, não.

Na vitória de Obama, O New York Times escreveu na primeira página: "Barreira racial cai em vitória decisiva." Concorda?

Não sei. Isso é a América. Não conheço a América a esse ponto.

Quando fala de Obama, não é a raça, não é a política. É o quê?

O que quero dizer é que ele não representa ninguém. É ele próprio.

Não há ninguém como ele antes. Vamos ver como se aguenta.

Sugeriu numa entrevista que a Arábia Saudita e o Irão deviam ser destruídos. Como poderia isto ajudar?

Acho que a Arábia Saudita é um país muito perigoso. Apoia estes grupos religiosos fanáticos, apoia todas estas escolas religiosas que ensinam o ódio em lugares como a Índia. É um país mau. Mas não podemos dizer isto, porque o problema é que a Arábia Saudita vive com o apoio do Ocidente. Floresce.

E o Irão, por onde viajou extensamente?

Será um grande problema. Porque quando juntamos a população do Irão à população xiita do Iraque temos um país bastante grande. E se vamos ter isso num estado de guerra, armado por todos estes países do Ocidente, não sei onde vamos chegar.

Todas estas guerras são provocadas pelo Ocidente. Isso é tão óbvio para mim que não sei como é que as pessoas não o vêem mais claramente.

Diria que é absorvido pelas paixões, que é uma das forças na sua curiosidade?

Não, não diria isso. Estou à procura de paz, realmente.

Paz?

V.S.N - Oh, sim.

Nadira Naipaul - E verdade, Vidia. Verdade.

Paz não é algo que as pessoas associem muito a si. A sua imagem cliché é do homem que gosta de chocar, que provoca

constantemente.

As pessoas lêem demasiadas entrevistas.

Essa imagem não vem dos livros?

Não vem dos livros. As pessoas não lêem os livros.

Então a persona que dá as entrevistas...

Nadira Naipaul - Diz-lhe o que disseste: "No fim, um homem torna-se..."

V.S.N. - Escrevi isso aos 37 anos, estava a escrever sobre [Jonh] Steinbeck e esse ensaio começa assim: "No fim, um escritor não é os livros que escreveu mas o mito, o esse mito está à guarda dos outros." Nadira Naipaul - Ele tornou-se isso.

Quer dizer que não é um assunto seu?

É um assunto dos outros.

Então há os livros e há este homem aqui em frente, que é uma persona.

Sim, sim. Os livros são difíceis de ler. As pessoas não gostam muito de ler.

Mas também disse que as biografias podem ser mais iluminadoras que os livros do autor.

Não, não.

Esta é uma das citações de Patrick French. Como é que uma biografia autorizada...

Bem, não é responsabilidade minha...

... com o biógrafo a dizer que o escritor não quis corrigir nada e lhe deu acesso a tudo...

[subindo tom de voz] Eu quis corrigir muitas coisas de que ouvi falar! Mas ele insistiu que tinha que as escrever!

Nadira Naipaul - Vidia, pára aí.

Não quer fazer comentários sobre isto?

Não, nenhum comentário.

[Já com o gravador desligado, Nadira Naipaul diz *on the record* que "não é uma biografia oficial" e que V. S. Naipaul "receia que seja mais ficção do que factos". A isto, o escritor só aceita que a jornalista acrescenta que se trata de uma biografia que no fim não passou por ele (*unpassed*) e não foi verificada (*unchecked*).]

Público Caderno P2 26-11-2008	Periodicidade:	Diário	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1440 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/4 a 6



Acho que a América tem que tentar tornar-se mais pequena, de modo a lidar efectivamente com o mundo. De momento não lida efectivamente porque se tornou demasiado grande

